

# DONA BENTA, OS MEDIADORES DE LEITURA E AS TIC<sup>1</sup>

Patrícia Aparecida Beraldo Romano<sup>2</sup>

**Resumo:** A mediação de leitura é, hoje, um tema bastante polêmico, a começar pela compreensão do que se entende por essa palavra. Ao pensar nessa atividade, a personagem Dona Benta, da saga infantil lobatiana, parece ser um modelo eficaz de mediação, já que é ela quem executa esse papel, seja nas obras adaptadas, seja nas consideradas didáticas. A partir dessa discussão, perguntamo-nos se, depois de quase um século de existência, Dona Benta continuaria atual como mediadora de leitura e como seria possível que essa sua experiência “dialogasse” com as novas formas de mediação existentes atualmente a partir das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC).

**Palavras-chave:** Dona Benta; mediação de leitura; TIC.

## Introdução

Muito se tem falado nos últimos tempos sobre a figura dos mediadores de leitura. As escolas, de forma geral, parecem ter adotado essa figura como uma salvação para o sério problema entre texto literário e leitor. Mediadores podem ser professores de língua portuguesa, de literatura, bibliotecários, agentes de leitura ou quaisquer pessoas que tenham proximidade com textos, dizem alguns. Mas a questão que tem sido levantada atualmente é se os eles não precisam ser, de fato, pessoas bastante preparadas para tarefa tão importante e exigente.

As políticas de formação de leitores parecem ter se difundido pelo Brasil, em especial, nos últimos anos, mas a formação de professores-mediadores de leitura parece não ter acompanhado esse crescimento e muitos indivíduos, que se dizem mediadores, estão, na verdade, na berlinda da leitura. Pretendemos, nesse texto, trazer para a discussão a importância dessa figura na formação leitora de crianças e adolescentes e como podemos encontrar em Dona Benta, personagem da saga infantil lobatiana, um exemplo de mediação competente de leitura. E ainda nos perguntamos como essa personagem continua, hoje, em tempos de novas plataformas leitoras e de tantas inovações no universo da leitura, atual e revisitada.

## Os mediadores de leitura: ontem e hoje

Dona Benta, personagem das obras infantis de Monteiro Lobato, aparece pela primeira vez em *A menina do narizinho arrebitado*, de 1921. Terá vida longa em toda saga lobatiana aparecendo em quase todas as aventuras. Apenas em *O Saci* (1921), em *Emília no país da gramática* (1934) e n´*Os doze trabalhos de Hércules* (1944) ela terá sua aparição restrita, muitas vezes, a comentários das crianças sobre o que aprenderam com a ela em outros momentos. Em todas as outras obras Dona Benta está presente, seja contando histórias, mediando-as ou mesmo delas participando. De acordo com Miriam Giberti Páttaro, em obra que estuda o texto *História do Mundo para as Crianças*, aponta:

Dona Benta assemelha-se a uma professora de outra forma e a outro tipo de professor: apresentando dados e instigando seus ouvintes a refletirem sobre

---

<sup>1</sup> Esse texto foi parcialmente reproduzido em artigo intitulado **Dona Benta: uma mediadora de leitura em *Peter Pan*, de Monteiro Lobato**, e publicado na *Revista Caletrosópio* – Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Ouro Preto. v. 4, n. 6 (2016), p. 37-53.

<sup>2</sup> E-mail: [paberaldo@yahoo.com](mailto:paberaldo@yahoo.com).

eles. Ela não se preocupa em apresentar dados para que sejam memorizados, mas para que provoquem reflexão sobre as estruturas sociais, seus valores morais, as implicações do progresso etc (PÁTTARO, 2012, p. 82).

A partir da noção de Sistema Literário (autor, obra, público leitor), desenvolvida por Antônio Candido em *Formação da Literatura Brasileira*, acreditamos que os mediadores devem levar os jovens leitores a interagirem com o texto, convidando-os para a leitura e aproximando-os do texto literário, algumas vezes, pouco presente na vida deles.

Acreditamos que o mediador verdadeiro precisa ter intimidade com a literatura de forma geral, canônica e popular, e também precisa se empenhar em conhecer, de maneira mais pontual, portanto não superficial, os textos com os quais pensa em ser a ponte entre o leitor e o texto literário. Concordamos com o pensamento abaixo do estudioso da leitura, Rildo Cosson, em artigo intitulado “A prática da leitura literária na escola: mediação ou ensino? ”, publicado na Revista *Nuances*, em 2015. Para Cosson, o prazer de ler deve existir, mas ele deve nascer a partir de uma prática séria e comprometida do professor-mediador, que precisa avaliar como executa sua “animação” leitora. Ela deve existir apenas como mais uma das “ferramentas” utilizadas por ele, mediador. Vejamos o que nos informa Cosson (2015, p. 169):

A mediação da leitura literária, portanto, não deve ser reduzida ao sentido comum de animação, como uma atividade a ser desenvolvida apenas por meio da empatia entre um leitor iniciante e um leitor experiente, que não requer nada além do “amor” aos livros ou que não precisasse nenhuma formação específica. Como bem destaca Rechou, “una buena ‘educación literaria’ es la mejor ayuda para la formación lectora y para la fijación del hábito lector”, sendo que para isso “es imprescindible que los mediadores puedan analizar las obras literarias desde los paradigmas teóricos más adecuados en cada situación para realizar la práctica correspondiente (RECHOU, 2012, p. 368-369 *apud* COSSON, p. 169).

A empatia de que nos fala Cosson acima sugere a “ponte” que se criaria entre a figura do mediador de leitura e o leitor, ponte essa necessária para o leitor ainda pouco afeito a algumas questões literárias se aproximar do texto e dar a ele um novo sentido, uma nova leitura que, com o tempo, contribuiria para ajudá-lo a formar o seu próprio repertório de leitura e a sua visão mais crítica de mundo. Assim, como Cerrillo, Larrañaga e Yubero (2002, p. 29), acreditamos que “El mediador es el puente o enlace entre los libros y esos primeros lectores que propicia y facilita el dialogo entre ambos”. Para esses estudiosos espanhóis sobre a mediação de leitura, as principais funções do mediador seriam: “Crear y fomentar hábitos lectores estables; Ayudar a ler por ler; Orientar la lectura extraescolar; Coordinar y facilitar la selección de lecturas por edades; Preparar, desarrollar y evaluar animaciones a la lectura” (CERRILLO, LARRAÑAGA, YUBERO, 2002, p. 30).

Criar e instigar hábitos leitores podem ser feitos apenas por um mediador-leitor-em-potencial. O indivíduo que se considera mediador, mas não é um leitor com repertório estabelecido, praticamente não conseguirá sustentar sua posição quando tem em mãos obras mais elaboradas da literatura de forma geral. Nesse mesmo caminho de autonomia leitora, o mediador deve instigar nos jovens leitores o desejo de ler apenas pelo desejo de ler, sem que a leitura seja feita por obrigação. O mediador precisa também ajudar seus ouvintes a encontrar os melhores textos para a sua idade a fim de que muitos leitores não abandonem leituras por não conseguirem compreendê-las. Se o mediador conseguir conquistar o leitor com seu trabalho, certamente essa questão passará a se tornar natural para o leitor com o tempo. Finalmente, o

mediador precisa preparar seu ambiente de mediação, saber dosar a leitura e avaliar se suas estratégias de animação estão ou não funcionando.

Acreditamos que Dona Benta desenvolva todas essas competências nos serões que faz com seus netos nas aventuras do Sítio. Além de avó dedicada e atenciosa, ela é amante da leitura, possui grande biblioteca para a época (primeiros decênios do século XX) e é amiga da sabedoria, do conhecimento e das leituras literárias. É da leitura de textos desse repertório que a avó extrai seus argumentos para convencer as crianças a escutá-la nos serões. Muitas vezes, o desejo por saber coisas ou ouvir histórias nasce das próprias crianças que já haviam vivenciado esse prazer em outras situações.

Pensamos que Dona Benta possa representar um modelo de mediadora de leitura: leitora perspicaz de todo tipo de texto que caía em suas mãos- literatura, filosofia, história, geografia, ciências de forma geral, jornais da região. Além disso, organiza seus serões de maneira a não cansar seus ouvintes, pois intercala às mediações os quitutes de Tia Nastácia ou mesmo os encerra quando percebe que já são horas de descansar. Isso sem contar as situações em que o processo de mediação passa a ocorrer imbuído de imaginação, como a viagem que todos empreendem no navio “Terror dos Mares” para conhecer um pouco mais sobre a Geografia de maneira mais exemplificativa.

Acreditamos que o mediador contemporâneo precise ser uma espécie de Dona Benta das novas mídias: uma pessoa com sólida formação literária e com mínimos conhecimentos de tecnologia da informação para poder compreender as recentes gerações de leitores virtuais.

Ser hoje mediador de leitura requer não ser “cego” em tecnologia e não ter pânico moral, ou seja, não achar que as novas mídias representam uma degeneração e devem ser repelidas e combatidas (SIQUEIRA, CERIGATTO, 2012). O mediador deve saber lidar com o ambiente virtual de leitura, inclusive com os hipertextos que oferecem uma gama de possibilidades ao leitor do século XXI e, assim, saber orientar esse leitor a “se posicionar diante desse mar de informações”. Vale lembrarmos que as novas mídias ampliam todo e qualquer acesso às informações, mas sem um mediador que auxilie seu público ouvinte o simples acesso não contribui para a aprendizagem desse público.

### **A experiência mediadora de Dona Benta e as novas mídias**

Os últimos dez anos do século XXI têm apresentado desafios novos para o mediador de leitura e para o leitor. É necessário pensarmos nas novas tecnologias surgidas com a internet e a revolução que ela tem feito nos meios de comunicação. Essas mudanças atingiram não só as escolas bem como o modo de pensar o ensino nelas.

O mundo da leitura *on-line* necessita de cidadãos críticos e alfabetizados nesses novos meios de comunicação que surgem com o ciberespaço. Para isso parece-nos cada vez mais necessário que a escola procure se adaptar às mudanças trazidas pelas Tecnologias da Informação e da Comunicação.

Lembramos que nosso aluno também mudou, não é mais o mesmo de há dez ou vinte anos. Essas novas gerações fazem outros tipos de leituras, usam diversas plataformas e leem muitos “textos” ao mesmo tempo. Também mudaram os gêneros textuais: agora há muito mais espaço para os gêneros mais curtos, rápidos e concisos, como microcontos, quadrinhos, adaptações, mangás, crônicas etc. Agora temos leitores que migram rapidamente de um link para outro, abrindo muitos intertextos ao mesmo tempo.

Quanto aos aspectos físicos do texto, nem sempre falamos de folhas “físicas” de livros, mas de novas plataformas virtuais e novas interfaces. Agora o aluno também digita seu texto numa tela e pode escrever suas impressões de leitura num *blog* em vez de registrá-las nas linhas

de um caderno de papel. Sem contar que, com os *ebooks*, o leitor pode saber o que outro leitor leu e marcou como importante enquanto faz a leitura de seu texto.

Essas novas formas de ler exigem também que o mediador de leitura reveja sua maneira de mediar os textos, já que eles aparecerão em novas plataformas e exigirão, além do conhecimento delas, metodologias que as atendam além de criatividade para executar o processo de mediação deles com os leitores. Tudo isso poderá contribuir, futuramente, para práticas educacionais mais democráticas, em especial, no ensino público.

Elas muito possivelmente têm criado bastante polêmica por conta dos professores abertos às mudanças e dos resistentes a elas, que é ainda um número bastante grande. Se os professores aprenderam ouvindo definições de seus mestres ou mesmo lendo conceitos impressos, as novas gerações aprendem “lendo, vendo, assistindo, ouvindo, falando, escrevendo, simulando... fazendo” (RETTENMAIER; RÖSING, 2011, p. 202) e acrescentamos, navegando “no âmbito de texto e de sua ciberapresentação” (RÖSING, 1999, p. 167).

Acreditamos que os textos infantis lobatianos sobreviverão a essa nova forma de leitura. E também pensamos que Dona Benta pode continuar a ser vista como exemplo de mediação. A obra infantil completa de Lobato, reeditada pela Editora Globo, também vem sendo comercializada em forma de *e-book*. Nessa nova plataforma, o leitor pode interagir de maneira mais rápida, inclusive, com os hipertextos e paratextos, bastando um *click* para levá-lo à discussão que eles apresentam. Com a entrada de Lobato em domínio público será que alguém pensará numa Dona Benta mais rejuvenescida e antenada com as novas tecnologias? Muitos de seus ensinamentos poderão ser apresentados com *links* que conduzam o jovem leitor a páginas que explicam autores e conhecimentos apresentados por Lobato/Dona Benta, talvez.

Para exemplificarmos, pensemos no excerto abaixo, de *Dom Quixote das Crianças*:

- Estou contando apenas algumas das principais aventuras de D. Quixote, e resumidamente. Ah, se fosse contar o d. Quixote inteiro a coisa iria longe! Essa obra de Cervantes é bem comprida; passa de mil páginas numa edição in-16.

[...]

- In-16, vovó? Que quer dizer isso?

- É uma medida do formato dos livros. Os livros são feitos de papel, como você sabe. O papel vem da fábrica em folhas. Em cada folha imprime-se um certo número de páginas. Espere... O melhor é dar um exemplo. Traga um jornal.

- Pronto, vovó – disse ele. Aqui tem um.

- Muito bem – disse Dona Benta. Vamos agora tomar uma folha inteira e desdobrá-la sobre a mesa, assim. Aqui tem você uma folha de papel. Se dobrarmos esta folha pelo meio, quantas páginas ficam? Página é um lado só do papel. Pedrinho dobrou a folha de papel e contou.

- Ficam 4 páginas.

- Isso mesmo. Ora, se imprimirmos um livro em páginas desse formato, esse livro se chamará *in-folio*. Agora dobre o papel mais uma vez e veja quantas páginas dá.

Pedrinho dobrou a folha de papel e viu que dava 8 páginas.

- Muito bem. Um livro impresso em páginas desse formato é um livro in-oitavo, ou in-8. Dobre o papel mais uma vez e conte.

Pedrinho dobrou o papel e contou 16 páginas.

- Isso mesmo. Um livro impresso em páginas desse formato é um livro in-dezesseis, in-16. Dobre o papel mais uma vez e conte. [...]

- Ora veja só, vovó, uma coisa tão simples e eu não sabia! Vou ensinar a Narizinho (LOBATO, 1957, p. 152-153).

Esse trecho nos parece bastante significativo para ser explorado em um *e-book*. O leitor clicaria em um *link* sobre *in-folio* e imediatamente seria remetido a uma página onde haveria uma imagem animada para explicar tal informação. Ou ainda seria possível ao leitor, caso tivesse dúvidas, acionar algum recurso do *e-book* para perguntar sobre tal conteúdo e a explicação apareceria em forma de áudio ou mesmo redirecionando-o para um *link* de animação. Pensamos aqui no que nos informa Romero Tori em *Educação sem distância: as tecnologias interativas na redução de distâncias em ensino e aprendizagem* (2017): “Com sistemas de realidade aumentada, será possível que pessoas visualizem e interajam com um objeto virtual, cada um vendo-o pelo seu ponto de vista, como se o objeto fosse concreto” (TORI, 2017, p. 168). Dessa forma, uma aula sobre materialidade da obra literária estaria garantida e de forma a conquistar maior atenção do leitor do século XXI. Assim, possivelmente, Dona Benta continuaria executando seu papel de mediadora de leitura para esse leitor, agora com os recursos das novas mídias.

Há uma diversidade de exemplos como esse na obra infantil de Lobato. Muitas seriam as opções para atrair a atenção de leitores jovens, em especial, que já estão adaptados aos novos formatos de plataformas de leitura com diversas opções de interação entre texto, imagens e sons. O que nos parece interessante é que a forma como a mediadora Dona Benta apresenta suas explicações não precisaria de alteração, mas sim de contextualização com os novos modos de ler do século XXI e com mediadores também acostumados a esses novos formatos de textos.

### **Considerações finais**

Nossa discussão procurou apresentar a personagem Dona Benta como mediadora competente de leitura ainda nos dias atuais. Apesar de ela ser uma personagem datada, suas informações continuam eficazes. Isso nos parece interessante já que as novas plataformas de leitura podem dar conta de revitalizar os modos de ler e, por isso, os ensinamentos de Dona Benta continuariam eficientes na formação dos leitores do século XXI.

Nosso trabalho propôs possibilidades de mostrar que os textos lobatianos infantis ainda podem ser atuais e podem motivar não apenas crianças e jovens leitores, mas também professores a verem, no exemplo da avó-mediadora Dona Benta, um modelo de dedicação à leitura e à mediação do texto literário e (in)formativo. Com isso, os mediadores atuais podem ter ferramentas eficientes para formar leitores críticos, seja a partir de livros de papel, seja a partir de *e-books*, e podem, assim, fazer alguma diferença na vida de seus alunos-ouvintes.

### **Referências**

CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos – 1750-1880*. 11 ed. São Paulo: Ouro Sobre Azul, 2007.

CERRILO, Pedro; LARRAÑAGA, Elisa.; YUBERO, Santiago. *Libros, lectores y mediadores: la formación de los hábitos lectores como proceso de aprendizaje*. Cuenca: Ediciones de la Universidad de Castilla-La Mancha, 2002.

COSSOM, Rildo. A prática da leitura literária na escola: mediação ou ensino? *Revista Nuances: estudos sobre Educação*, Presidente Prudente-SP, v. 26, n. 3, p. 161-173, set./dez. 2015.

Disponível em: <<http://revista.fct.unesp.br/index.php/nuances/article/view/3735/3153>>. Acesso em: 02/03/2016.

LOBATO, Monteiro. *Dom Quixote das Crianças*: contado por Dona Benta. (Ilustrações de André Le Blanc). 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1957.

PÁTTARO, Miriam Giberti. *Uma história meio ao contrário*: um estudo sobre *História do Mundo para crianças* de Monteiro Lobato. São Paulo: UNESP, 2012.

RETTENMAIER, Miguel; RÖSING, Tania. *Questões de literatura na tela*. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2011.

RÖSING, Tania M. K. (Org.). *Do livro ao CD- Rom*: novas navegações. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 1999.

SIQUEIRA, Alexandra B.; CERIGATTO, Mariana P. Mídia-educação no Ensino Médio: por que e como fazer. *Educar em Revista*, Curitiba, v. 28, n. 44, abr./jun. 2012. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-40602012000200015>>. Acesso em: 15/01/2016.

TORI, Romero. *Educação sem distância*: as tecnologias interativas na redução de distâncias em ensino e aprendizagem. 2 ed. São Paulo: Artesanato Educacional, 2017.